

SACADA

— *literária*

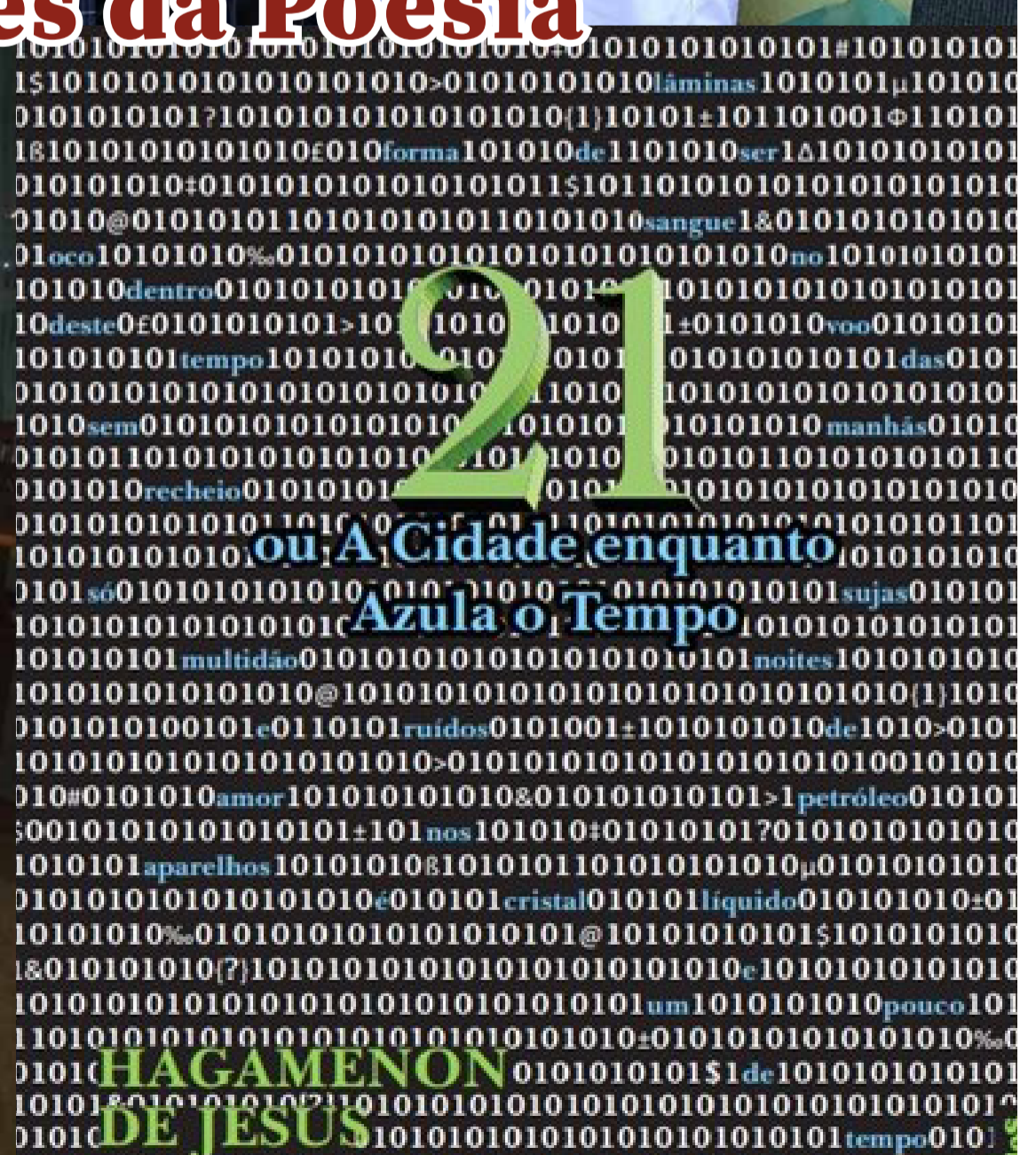
ENCARTE JPTURISMO DE LITERATURA & OUTRAS EXPRESSÕES ESTÉTICAS | Ano 1, Vol. 2, n. 11 - Maio de 2022



FOTOS: ANTONIO AILTON

HAGAMENON DE JESUS

Dias & noites da Poesia



SOBRE "CAMPUS DO SONO" DE FENANDO REIS - Rogério Rocha



GALERIA SACADA, POESIA: AURORA DA GRAÇA E KISSYAN CASTRO

SOBRE VERSOS E SONO

Memórias poéticas de Fernando Reis

Em *Campus do Sono* o escritor Fernando Reis apresenta sua tentativa de reconstituição de uma poética abandonada, remexendo em memórias, com o elã daqueles que se lançam ao aberto das possibilidades e à força devastadora do destino.

Diante dos acontecimentos que constituem sua persona, o homem que abriga o poeta decide retirar de debaixo do tapete do inconsciente alguns fantasmas com os quais ousa reencontrar-se.

A obra que o leitor encontrará é permeada de angústia. Angústia da existência veloz e vazia de uma modernidade cindida, rápida e fragmentada, onde a incerteza é a nota predominante. Seus versos são forjados nos domínios dos sonhos e aspirações, na caminhada da vida e seus prazeres fugazes, na loucura dos desejos frustrados, na materialidade dos delitos insuspeitáveis, na estrutura quase patológica das nossas inquietudes.

Sua poética escolhe como alvo o próprio peito e lança sobre ele todos os seus dardos pontiagudos. Nele (o peito), sem qualquer anestesia, faz incisões que devassam, concomitantemente, o íntimo do homem e do criador de versos.

Com uma lírica que abunda em desespero, em pedidos de socorro, em gritos sempre audíveis, movimentada por temáticas que o auxiliam no processo de desvelamento das camadas (visíveis e invisíveis) do cotidiano, rompendo o tempo-espaço dos traços da memória, sem, com isso, desvencilhar-se de seu estilo agudo e despojado. Outrossim, corporifica em sua identidade as nuances fundamentais de uma escrita que dialoga com o passado e o contemporâneo, seja no aspecto formal, seja no campo da simbólica do seu pensamento.

A matéria-prima do poeta Fernando Reis – outra faceta de um também exímio ficcionista – é extraída dos cortes que faz em sua carne, do rasgo nas feridas do corpo e da alma. Vide o que temos em um trecho de “Memória perdida”, quando diz: tudo morto e esquecido / o esquecimento justificado pelo tempo que carcome / a vida. Ou, ademais, no fatalismo que escancara nossa finitude em “O amor e a morte”, com essa tristeza do fim / a morte que leva um a



Escritor/Poeta Fernando Reis

um / quem dera viver e amar / sem perder amor algum.

Em suas tintas vividas, por meio de rumores e murmúrios, expõe o íntimo de seus sentimentos, suas fragilidades, os fenômenos da vida política e social, as paixões carnavais, o amor e o desamor, o sexo e a insanidade, num exercício que beira uma boa terapia, com fundo em explícita autoanálise. Aliás, não incorrerá em erro quem vier a perceber nas páginas deste livro, entre metáforas ou não, um divã que ampara o corpo e a voz de um grande vocabulário de ilusões.

É o que vemos, por exemplo, em “O grito”: meu grito por dentro / é por tudo aquilo que quero / sem saber ao certo, e, ainda, o que nos mostra em “Depressão 2”, ao lembrar que esquecer é enterrar os zumbis / que infestam o mundo com lembranças de fedor / e mágoa sem fim.

No itinerário aqui promovido há, portanto, um desvendar da vida apresentado em versos intensos. E mesmo quando amenos em aparência, pulsam todos firmes, em imagens caleidoscópicas e flashes contínuos, a emanar sentidos que brotam da relação do eu poético com os processos intrínsecos ao devir da existência.

Seu olhar invade ainda a essência das coisas (físicas e espirituais), as sutilezas dos cenários humanas, os artefatos e artifícios das relações, o que passa e o que se repete, o que se esconde e o que se expõe.

Fernando emerge e submerge, a todo instante, nas aparências das coisas. Mimetiza emoções em meio a mergulhos intrépidos no ventre de eventos descritos em estrofes de necessária crueza. E, por fim, nos prodigaliza com uma sinceridade desnudada em versos ora ternos e amorosos, ora secos e pesados, num balanço que enlaça, de modo exitoso, o equilíbrio que em cada obra todo autor deve buscar.

São poemas recolhidos em períodos diversos, como expressão de uma amostra sintética das formas de dizer do poeta, aqui generosamente expostas. Mas, a par disso, e para além de qualquer critério teórico ou crítico-literário, este livro foi feito essencialmente para ser lido (e sentido) na calma do amor, na urgência das horas, no cansaço do fim de dia, em solidão ou em solitude.

Rogério Henrique Castro Rocha (filósofo e poeta)

PAZ

Há dias que não se quer brigar
A alma cansada
O corpo moído,
quer deitar-se na relva macia
ficar quieto,
imóvel
disperso em sono e sonho,
navegando constelações
sentindo a brisa dos ventos solares,
enquanto fungos, vermes e insetos disputam
com as raízes que se espalham
um pouco da carne que apodrece.

A MORTE GOSTA DE BRINCAR

Eu era criança
não sabia o que era morrer.
Um dia o anjo da morte veio
escondeu meu avô,
minha avó,
meu tio.
Eu vi quando a sombra dela passou
pelo corredor de casa,
virou-se, olhou-me com doçura, prometeu:
- um dia eu volto pra te esconder!



OLHARES & JANELAS

ANTONIO AILTON

HAGAMENON DE JESUS E SUA LIRICIDADE FÁCTICA

A partir de uma percepção meio que premonitória, que vem desde a década de 1980, ainda que sua primeira publicação só tenha ocorrido em 2002, uma das preocupações poéticas de Hagamenon de Jesus, como se sabe, está relacionada à formulação de um corpo metafórico da linguagem condizente com o mundo



Iomanu/cotidiano

presente, seu sentir e seu sentido (ou a falta dele).

Com isto, pode-se situar sua poesia numa liricidade fáctica, ou seja, uma poesia que busca a metaforização das vivências cotidianas e prosaicas, experiências estas que vão se incrustando em nós de maneira quase imperceptível, mas reflexionáveis, proporcionadas pelo nosso estar no tempo e no espaço, nas circunstâncias: a experiência dos nossos fazeres e afazeres de linguagem e hábitos.

Na realidade, sua busca retoma o esforço feito, sobretudo a partir de Baudelaire (e que durante algum tempo perdeu centralidade, pela ênfase dada a outros aspectos), de estabelecer o pacto lírico partindo dos referentes da realidade que nos cerca, no caso, o mundo presente em sua facticidade – equivale a dizer, contemporâneo, concreto e cotidiano. Vários versos de seu livro de estreia são exemplos deste esforço: “[...] meu refúgio/ são as minha mentiras nos cd room’s/ do tempo. E todo homem é sigilo.” ou “O tempo/ sempre foi/ uma estranha criatura da mac donald’s” ou “Tenho forme. / E não me resolve/ sonhar satélites e comer televisões/ todos os dias.” Ou “O amor/ ainda arde, em arco-íris, no coração dos CD’s”.

O autor faz parte de um conjunto de poetas maranhenses, tais como Celso Borges (21), Bioque Mesito (*Anticópia dos Placebos Existenciais*), Samuel Marinho (*Poemas in Outdoors*) e Luís Augusto Cassas (*Rosebud*), para ficar apenas nuns poucos, que, com seus diferentes registros de linguagem e formas de expressão, vêm tentando apresentar, poeticamente, este gigantesco e vertiginoso momento de viragem da existência humana, pelo qual estamos passando, com base na presentificação figurativa das referências deste próprio tempo, seu pensar e fazer, seu sentir, suas hesitações, seus impasses.

Assim, é no contexto desta presentificação figurativa, sempre advinda do fáctico e de referentes do mundo contemporâneo, que se situa o poema de abertura de seu novo livro. Falo de “A Cidade enquanto Azula o Tempo”, que representa uma das linhas do lirismo fáctico, ou seja, o lirismo dos espaços de vivência e reflexão dos lugares e momentos nesses experienciados, e que resulta no entrelaçamento das visões da *anima urbis x anima orbis*.

Partindo do indiviso e difuso das origens de sua urbis, São Luís do Maranhão, dos simbolismos da palavra azul (palavra chave no poema) e do dizer dos seus grandes bardos, Hagamenon de Jesus lança este azul, azulejo-aleijado-azul-lírico, no tempo e no espaço, até o limite de seu despedaçamento (já em nosso tempo) e se interroga onde foi parar sua amada e quem é esta nova cidade, deitada ao seu lado, também tão sua, mas tão disfar. Esta perspectiva, sem dúvida, representa uma escolha, escolha que recai na intenção de ampliar a discussão desse espaço e sua condição na multiplicidade do contemporâneo, no sentido de que o espaço abordado no poema reúne, não a perspectiva estereotípica do espaço urbano, mas a perspectiva de um espaço urbano não-convenicional, híbrido, a cada dia mais típico do Brasil, em sua convivência do antigo com o novo, do arcaico com o agora, da cidade de pedra, liberal-humanista-colonial com a cidade de condomínios, conjuntos habitacionais, shoppings e grandes avenidas, capitalista-contemporânea.

E tal perspectiva, para além do seu inegável valor poético, traz um olhar particularmente rico de como a poesia também se torna um trabalho da memória e da história destes lugares do Brasil, tornados híbridos, um discurso-sentimento, ou melhor, um discurso fáctico-sentimental, capaz de expressar camadas da realidade impossíveis de serem expressas pela lógica cinzenta e racional da linguagem apenas diária ou científica.

Antonio Ailton

Poeta e ensaísta maranhense contemporâneo (compilado a partir de Martelo e Flor, Tese de Doutorado – 2018).



Young Love/Chris Morrow

BIOGRAFIA

Fernando Reis é escritor independente. nasceu em São Luís em 1969. Especializou-se em Língua Portuguesa e Literatura. É servidor do Judiciário onde exerce o cargo de analista judiciário, é professor da rede municipal de ensino da capital. O autor escreveu os livros de poesia *Campus do Sono* e *Versos Sujos de um Poeta Filho da Puta*, obras poéticas que alteram o surrealismo e o realismo fantástico com uma linguagem carregada de realismo duro e marginal. Em prosa, escreveu os livros de contos *Os Imortais* e *Banco de Praça I e II*. A série *Banco de Praça* narra histórias com cenas urbanas que abordam paixões obsessivas, solidão, velhice e loucura em histórias cheias de humor ácido e desalento.

ATENÇÃO POETAS E CONTISTAS!

PUBLICADO EDITAL PARA:
PRÊMIO LITERÁRIO ACADEMIA LUDOVICENSE DE LETRAS

O Prêmio Literário Academia Ludovicense de Letras é promovido pela Academia Ludovicense de Letras destinadas ao público adulto, escritas em língua portuguesa, por autores maranhenses ou residentes no Maranhão.

Para livros de Conto e Poesia, de 50 a 80 páginas, para as duas categorias.

Prêmios, em cada categoria:
I – Prêmio de 5.000 (cinco mil) reais para o primeiro lugar.

II – Prêmio de 2.000 (dois mil) reais para o segundo lu-

gar.

Inscrições somente de 01 a 17/06/2022, mas o edital já se encontra disponível em: <https://www.academialudovicensedeletas.org>

No Sacada literária de junho, matéria completa sobre o concurso!



Entrevista

HAGAMENON DE JESUS

Poeta vital

OSACADA deste mês traz um cara que é a face da poesia cotidiana, da que emerge, pelo menos, nos últimos 30 anos. Um poeta de quem muitos ouvem falar, mas que, contraditoriamente, poucos o conhecem pessoalmente. Isso porque ele gosta de manter-se recluso dos meios artísticos e culturais mais badalados e prefere as noites e dias vitais da cotidianidade. Também não se faz muito presente nas redes sociais, de modo que nem sempre é “encontrável” pelos aparelhos de rastreamento. No entanto, é um dos mais importantes interlocutores da nossa poesia atual, tendo participado de modo extremamente significativo de grupos como o Curare e o Carranca que balizaram muito da poesia produzida nos últimos anos. Hagamenon de Jesus Carvalho é um pesquisador da linguagem poética, do como dizer e o que dizer para o século no qual estamos imersos, o 21. Foi nessa busca que ele publicou o seu primeiro livro, *The Problem &/ou os poemas da transição* (2002), e lança, no próximo mês, dia 10 de junho de 2022, seu mais novo livro, o 21 ou *A Cidade enquanto Azula o Tempo*. É no ensino e no foco luminoso desse livro que convidamos esse poeta de vitalidade profundamente humana para esta entrevista, antecipando-nos em expectativa do que certamente é mais uma grande obra para aqueles que cultivam o que há de melhor em poesia.

Poeta, você escreve continuamente, mas é bastante reservado quanto à publicação. Como você avalia todo esse processo de publicação, a feitura do livro, a questão do patrocínio? E o que o leitor pode esperar desse novo livro, “21 ou A Cidade enquanto Azula o Tempo”, a ser lançado agora em junho?

Olha, quanto ao processo de publicação, todos sabemos que envolve um conjunto razoável de dificuldades, no mais das vezes o autor acaba tendo que pagar integralmente seu livro. A verdade é que no Brasil não temos uma cultura de patrocínio para a literatura, para a cultura em geral, é sempre meio difícil. No meu caso, eu costumo ter algumas parcerias. Nesse novo livro, por exemplo, eu estou contando com algumas, a Checklist Consultoria, que atua no ramo de crédito imobiliário, o Colégio Cenaza, que já tem, inclusive, uma tradição na valorização da literatura, a Casa Familiar Rural de Bequimão, que trabalha com educação rural e também tem essa atenção à literatura e à cultura, o HEMOSOM, que é um grupo musical, a Papelaria Kananda e o Escritório de Advocacia Sandro Benine, no qual atua na verdade um amigo e um grande advogado, que é o Dr. Evannilson. Ou seja, apesar de tudo, às vezes se consegue ir driblando as dificuldades. Quanto ao novo livro, o que o leitor vai encontrar é o esforço de um artista (como aliás muitos daqui da terra vêm tentando, vêm fazendo) de buscar colocar em presença e refletir, poeticamente, acerca dos modos de ser e sentir neste novíssimo mundo que se apresenta diante de nós, com suas muitas interrogações. E isso vale também para São Luís, que hoje, como se sabe, é uma cidade com todos os grandes problemas de uma metrópole, e cada vez menos ilhada, menos isolada, porque totalmente interconectada com o mundo.

Fale então um pouco sobre o poema “A Cidade enquanto Azula o Tempo”, que abre esse novo livro.

“A Cidade enquanto Azula o



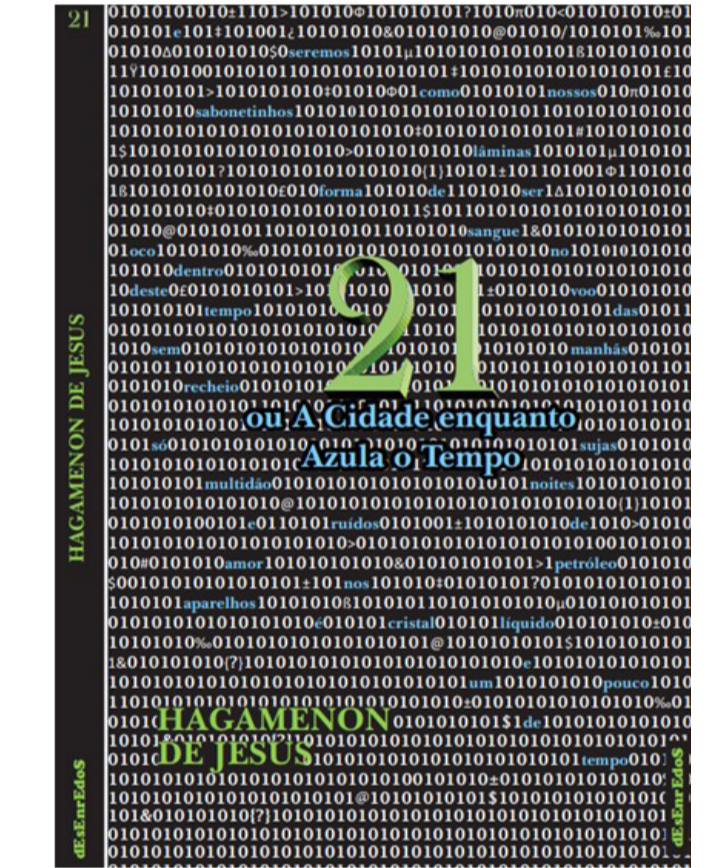
Poeta Hagamenon de Jesus em seu cotidiano de escrita

tempo” na verdade é um poema que tenta tematizar, poeticamente, estas modificações que vêm ocorrendo em São Luís. E é também uma tentativa de homenagem aos meus amigos e aos poetas das gerações mais recentes, que vêm presenciando e muitas vezes poetizando todas estas grandes modificações. Nele o que se tem é basicamente um ludovicense (arquetípico, claro) que caminha por São Luís, levado por uma incômoda sensação de estranheza, tentando voltar a reconhecer-se na sua cidade, tentando como que reencontrá-la, porque agora muitas vezes ela lhe parece estrangeira, apócrifa, e isto enquanto se surpreende a interrogar-se quem é esta cidade na qual agora caminha e que também caminha ao seu lado. O poema parte de algumas intertextualidades, sobretudo com quatro autores maranhenses de muita importância, e a partir daí segue até se estabelecer o conflito e o seu desfecho.

Dentro deste espaço possível, fale-nos como se deu seu encontro com a literatura, qual tem sido sua relação pessoal com a poesia, epifanias, inquietações, o que você tem buscado nela?

Na realidade, eu fui um cara que tive muita dificuldade de aceitar a poesia em minha vida. Levei anos, acho que mais de dez anos, me perguntando, eu sou mesmo poeta, o que é ser poeta, de certa forma resistindo. Mas hoje percebo que a poesia já caminhava comigo desde muito cedo, na verdade eu escrevia já desde os onze ou doze anos. Hoje já sei, como muitos de nós sabemos, que ser poeta não diz respeito só àquela pessoa que escreve poesia, mas que ser poeta é principalmente um modo de posicionar-se perante a vida. Acho que esta é uma das mais belas mensagens do filme “O Carteiro e o Poeta”. Nele existem dois poetas, um que escreve, e outro, que é poeta somente na forma como encara a vida, já que, na prática, não consegue escrever. Então, esse filme me esclareceu uma coisa, ou seja, que o fato de, de repente, não escrever não mata em mim a poesia nem o poeta. E acho que é por isso que eu hoje encaro a poesia assim quase como uma entidade, que caminha comigo há muito tempo, que me requisita, me dispersa bem no meio do dia, que me sequestra, que me encanta, me espanta e, às vezes, até me faz escrever (risos). Então, eu não busco nela muito mais que alguma forma de diálogo e tento estar atento à sua voz.

Você tem sido uma referência



vital e poética para toda uma geração de poetas, amigos, pessoas, que têm percorrido contigo a trilha da poesia, desde os anos de 1990. Em que medida se pode dizer que o poeta também é um “ser coletivo” e como você vê esse companheirismo de estrada na literatura mais recente do Maranhão ou mesmo no Brasil?

Cara, referência, eu não sei, não. A questão é que esse negócio de idade é barra. O que acontece é que junto a algumas pessoas mais próximas eu era o mesmo novo (risos). Então, por exemplo, quando nos conhecemos, eu já tinha filhos, já trabalhava, já havia participado de alguns concursos literários, já tinha algumas leituras. Então era natural que aqui e ali eu desse algumas opiniões, que me pedissem algumas opiniões, que dividissem comigo muitos problemas, do dia a dia mesmo, e às vezes acerca de dúvidas sobre uma determinada solução para um trecho de um poema etc. E, obviamente, eu também ia dividindo com estes amigos e amigas minhas dúvidas, minhas dificuldades e, principalmente, minhas tantas inquietações. O que devo dizer é que eu não ando sozinho. Desde que voltei para São Luís, eu aprendi muito e tive muita sorte de conhecer este conjunto (que é relativamente grande) de pessoas, que têm me ensinado muito sobre a vida e a literatura. Logo, ter companheiros de estrada é muito enriquecedor. Muitíssi-

mos poemas meus eu talvez não tivesse conseguido fazê-los sem esse aprendizado, sem essa convivência. Portanto, por mais que a poesia seja uma arte bastante subjetiva, a gente sabe que muitos dos grandes poemas ocidentais, tais como a *Iliada* e a *Odisseia*, ou a *Divina Comédia* e tantos e tantos outros, acabam por registrar a sensibilidade de uma época. Então, apenas repito o que já te disse antes, que acredito que a poesia é sempre voz de águas íntimas, mas onde se veem reflexos do coletivo.

Quais são suas grandes referências literárias e, no âmbito maranhense, quais são os autores de referência e diálogo com o seu trabalho, e em que sentido você percebe que isso acontece?

Na verdade, todo mundo que gosta de literatura lê um pouco de tudo. Eu também sou assim. Agora, existem alguns autores com os quais, mais do que aprender a conviver e até vencer (risos) a influência, a gente percebe que tem com eles aquilo que Mario Quintana chamava de confluência. Eu gosto, me dá prazer ler autores de registro linguístico um pouco mais complexo, caso do Nauro, aqui no Maranhão, do Rilke, de algumas peças específicas do João Cabral. Contudo, os autores que fazem parte, digamos, de minha família e com quem o que escrevo mais conflui são autores que possuem um registro aparentemente simples, casos como

“A vida, a própria vida, sempre a vida. Em tudo o que ela pode nos dar e nos tirar, em tudo que ela pode nos acalantar e nos ferir.”

(HAGAMENON DE JESUS)

Manuel Bandeira, aqui no Brasil, e Jacques Prévert, lá fora. Acredito que este caminho, seguido por tais autores, não impacta na profundidade, sofisticação e riqueza de sua poética. No Maranhão, por exemplo, ainda que o que eu escreva não tenha diretamente muito a ver com ele, gosto demais do Chagas, com sua opção por um linguajar claro, com sua herança do cordel, com seu belíssimo trabalho de rimas e ritmo. E, claro, algo fundamental, tento ir lendo, conforme minhas possibilidades, os autores do meu tempo, aqui da terra, mais próximos da minha geração. Agora, por exemplo, estou me devendo o livro do Cláudio Terças, que devo adquirir por esses dias. De todo modo, destes autores com que tenho alguma confluência, o que tento aprender, seguir, é sobretudo o seu esforço em privilegiar uma forma de expressão simples, o que às vezes pode ser bastante difícil.

Poeta, na sua visão, qual a força e a possibilidade, no Brasil, da literatura de matriz maranhense no atual momento?

A literatura do Maranhão tem uma força muito grande. Não é à toa que praticamente um quarto dos membros da Academia Brasileira era composta de maranhenses, quando de sua fundação, se não me falha a memória. Nós temos, como todos sabem, autores marcantes e fundamentais em praticamente todas as fases da Literatura Brasileira, desde Gonçalves Dias e Odorico Mendes, seja na poesia, seja na prosa. E mesmo no momento atual, nossa literatura tem tido grandes êxitos. Não se deve esquecer que, em 2012, Ricardo Leão foi o vencedor do prêmio de ensaio e crítica literária da Academia Brasileira de Letras, com um trabalho maior, “Os Atenienses”, em que tratou precisamente da atuação dos autores maranhenses na formação do Cânone Nacional. Não se deve esquecer dos diversos poetas maranhenses que, continuamente, vêm alcançando o primeiro lugar em importantes concursos de poesia, como é o caso do Prêmio Cidade do Recife de poesia. E, ainda mais recentemente, a classificação de poetas maranhenses entre os finalistas do Prêmio Jabuti, casos de Samuel Marinho, Salgado Maranhão e Eduardo Júlio, só pra dar um exemplo. Portanto, a literatura maranhense tem, sim, muita força e muita qualidade. O de que padecemos ainda é o de sempre, ou seja, estarmos um tanto à margem do eixo cultural mais influente, o Sudeste e, ao que parece, não conseguirmos nos desencilhar de um certo provincianismo que nos atrapalha. Parece que não conseguimos mais pensar grande, apesar de termos uma história e uma tradição. Isto sempre me leva a pensar na FLIP, o festival de Parati. A FLIP começou pequeníssima, numa cidade

com muito menos tradição literária do que nós. No entanto, ao longo do tempo, tiveram capacidade de organização, de realização e, hoje, todo mundo quer estar na FLIP, ela é uma vitrine. Aqui, acho que exceção feita às suas duas primeiras edições, nós nunca tivemos um administrador com visão suficiente para, por exemplo, ver a FELIS como um evento com possibilidade de ter grande repercussão nacional, embora saibam da força dos nossos autores, consagrados e atuais, e de toda a nossa tradição literária.

Segundo sua ótica, o que deve importar na vida, para aquela cuja existência é inseparável da poesia?

A vida, a própria vida, sempre a vida. Em tudo o que ela pode nos dar e nos tirar, em tudo que ela pode nos acalantar e nos ferir.

*Entrevista concedida a Antonio Aílton

ATUALMENTE

lâminas:
são a minha principal característica,
todas elas:
a resposta, rápida
o sarcasmo, ríspido

o cartão
a faca
do bandido
a placa-mãe
do concorrente, do inimigo

lâminas
estão agora no horizonte
estão cortando
os olhos,
a fonte
de toda forma terna e ar
[dente,
são mais do que giletes
ou barbeadores
de cabos transparentes

são a nossa
forma
de ser gente.

21
e
seremos
como os nossos sabonetinhos
de uma noite só
pequenos
e sem significado
deixados ao sereno...
como as nossas
camisas de vênus

HAGAMENON DE JESUS - poeta maranhense contemporâneo, nasceu em São Luís, mais exatamente no Beco Feliz, Madre Deus, e passou grande parte da sua infância e adolescência no bairro do Anjo da Guarda, também na ilha. Aos 18 anos foi morar em Brasília, onde se fixaria até finais da década de 1980. De volta a São Luís, conheceu um grupo de autores que iriam se tornar seus amigos até os dias de hoje e que fariam parte depois dos grupos Curare e Carranca de poesia. Ao lado deles, participou de diversas atividades literárias, inclusive alguns concursos, entre eles o “Safrá 90”, concurso da Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão, que de certa forma registra, mais marcadamente, a entrada em cena de um novo grupo de autores na literatura maranhense. O poeta é autor de dois títulos, “The Problem &/ou os poemas da transição” (2002), livro de poesia, e “Maria Olívia e Natalino: arquétipos dos séculos XIX e XX, em Noite sobre Alcântara”, ensaio publicado, em 2009, pela Casa de Cultura Josué Montello. Seu novo livro, “21 ou A Cidade enquanto Azula o Tempo”, é uma obra em que busca expressar e presentificar, poeticamente, aspectos marcantes deste começo de século XXI, tendo como seu principal ponto de partida a ilha de São Luís, sua cidade natal.

AURORA DA GRAÇA E KISSYAN CASTRO

DIVULGAÇÃO

Por que Aurora da Graça e Kissyan Castro nesta edição do SACADA? A obra de um/a poeta fala por si, qualquer tentativa de justificativa fica no reino da interlocução, apenas circundando o fato poético. É o caso da poesia desses dois convidados, que são, na verdade, impressionantes (não no sentido da avaliação impressionista, mas no sentido gullariano de espantosos, epifânicos). Aurora da Graça tem longa estrada e é incrível que, com uma poesia de tão alta qualidade apareça tão pouco nas coletâneas e pesquisas “brasileiras”. Observemos que é uma poeta da lírica delicadeza, e como diz uma obra sua, “das pequenas felicidades”, com um acento na tônica da força feminina, trazendo algo pouco comum para este estado tão ligado ao mar: uma poesia de tônica marinha, e do vento, e da paisagem urbana por ele lançado. Já Kissyan, é poeta de “condensare” verbal como dizia Ezra Pound, de linguagem e imagens densas, acasalando a visceralidade subjetiva com a perspectiva metafísica e o imaginário simbólico entre o bíblico e o mítico, sem esquecer de atualizar tais perspectivas para as paisagens contemporâneas do dizer. Então, são essas duas potências que este Galeria Sacada tem o privilégio de garimpar e colocar na sua mostra de maio.



AURORA DA GRAÇA

Bibliotecária, professora e escritora/poeta. É de Rosário/MA, vive em São Luís. Lançou seu primeiro livro de poemas, *Cavalo Dourado*, em 1977, seguido de *Nó de Brilho*, 1981; *Memória da Paixão*, 1987 e *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009, o qual é coletânea com a reunião dos seus três primeiros livros publicados. Sobre ela, disse Carlos Drummond de Andrade em correspondência pessoal: “Vejo que para você a poesia não é simples exercício verbal, mas sim uma forma de existir e sentir-se existir, com emoção e percepção interna dos versos, das situações e das coisas. Poesia viva, portanto”.

MIGALHAS

Eu te entreguei a fortuna que me resta.
Pouca coisa.
Nada que possa te salvar da indigência.
Minha fortuna são as mãos carregadas de gestos
para teu corpo.

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

TECELÃ

De tanto esperar o dia
(posseiro da claridade)
costurei as nesgas da noite
e fiz cama para o sonho

teci nas gotas de orvalho
de cada folha caída
a bússola imaginada
para o sol se orientar

e de tanto olhar o escuro
enxerguei o brilho exato
que o ser mostra ao acaso
quando se vê sem a máscara
temporária
da servidão.

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

IMITAÇÃO DE ADÉLIA E LAURA

À feira de contas chamavam pérolas
(eram de vidro) e enfeitaram meu colo
de mulher muitos homens
herdei de minha avó que era pobre
coleccionava palavras
e chorava

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

ÂMAR INTERNO

Quando entrei no navio imaginado
pressenti tua ausência e me perguntei
se estarias perdido nas águas
do mar desconhecido

e me perguntei ainda
com que olhos enxergaria teus sinais nesta
viagem
em que mapa descobriria as grutas e as ilhas
para te procurar
com que coragem desembarcaria sozinha
vítima dos medos naturais e sem armas adequadas
para tua busca

Quando o navio largou da âncora
Vi mais do que simples olhos podem ver
o mar que trago em calmaria

nele, em mim navegas
e em meu coração de fibras abertas
como náufrago, descobres a ilha desejada

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

VIÉS DO VENTO

O dia é tão pouco... quase nada
como um fio de prata a partir-se
em gotas do luar de ontem
sobre teus cabelos de nuvem
e transparência

um dia feito de amplidão
na medida exata aos arroubos
que as palavras professam
palavras ao viés do vento
sutis como deve ser o que vai alcançar
o avesso do que pensas

nem tudo cabe no dia
uma alegria inesperada
talvez.

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)



KISSYAN CASTRO

Poeta e pesquisador com importante trabalho sobre Maranhão Sobrinho. É de Barra do Corda - MA, e membro da Academia barra-cordense de Letras. É autor de *Vau do Jaboque*, 2005; *Maranhão Sobrinho - poesia esparsa*, 2015; *Rio Conjugal*, 2017 e *O estreito do Éden*, 2017, com outros livros inéditos a serem publicados em breve. Na 4ª capa de *O Estreito do Éden*, lemos, de Antonio Carlos Secchin: “Valendo-se de vasta cultura e de ampla gama de recursos técnicos, a poesia de Kissyan Castro é voz requintada e solitária na produção lírica contemporânea, como já o fora a de seu reverenciado Nauró Machado. Por meio de ostensiva opulência léxica, *O Estreito do Éden* elabora uma sucessão de imagens de intensa originalidade, a serviço de uma visão desencantada da existência.

A CRUZ E O PUNHAL

A eternidade traz à palma
o pó do próprio osso.

A outra mão asfixia Deus
para que não o sobre:

nossa existência
por um mesmo espelho.

(Kissyan Castro, *Bodas de Pedra*, 2013)

INVENTÁRIO

Não tive ouro ou gado que me valha
neste pasto-imposto
cobrado à sanha da metralha.

(em vez de dólar dolo,
o duplo das vezes, fezes)

não tive ouro ou gado que me valha
neste pasto feito excremento.

O silêncio atroz me navalha
é tudo o que hoje ostento.

(Kissyan Castro, *O Estreito do Éden*, 2017)

O ESPÓLIO DE APOLÔNIO

Inverto o céu
por sobre as águas
de extinto Deus:

o que me sobra
é chão de um outro
na eternidade.

(Kissyan Castro, *O Estreito do Éden*, 2017)

BORDÃO DE ASCLÉPIO

Liófilo da mãe, este ofício
onde o luto é soluto
entre ampolas e seringas.

Antes de ser leitura
o sangue é ludíbrio,
relojoaria do invento.

Meu dia o embroco
a século e antisséptico,
o inteiro dia pela uretra,

a um endométrio
de distância da linguagem.

(Kissyan Castro, *O Estreito do Éden*, 2017)

AXÔNIO

Esterco de Lúclifer
a manhã nasce
como qualquer divindade.

Se não contém sua fúria
a ela se une
o silêncio impune.

Aceno à Terra a ver
donde a áspide procede:

se da mão opaca
se da mesma cloaca.

(Kissyan Castro, *O Estreito do Éden*, 2017)

CIRANDA DO BECO

Sem o chão que o amortece
e o esvazia, o homem não saberia
no que existir ou para quê,
como o aroma na cavidade da corola.

(Kissyan Castro, *O Estreito do Éden*, 2017)

MULHER DO POVO

A mulher simples
no bar do porto
seduz a chuva
com seu olhar
inconcluído
o seu caminho
refaz no porto
o seu andar

a mulher simples
no bar do porto
deseja encalma
a soluçar
sua vida longe
do que é mar

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

LARGO DA INFÂNCIA

Caído na calçada como bêbedo
o flamboyant da Escola Modelo
nos devolve o tempo
da infância

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)

DO BACANGA

A cidade que eu vejo
polariza a dor
em mar e nuvem

(Aurora da Graça, *O tempo guardado das pequenas felicidades*, 2009.)



Sacada Literária é um encarte mensal do Caderno JPTURISMO, publicação do JORNAL PEQUENO. Não pode ser vendido separadamente.
Rua Afonso Pena, 171 - Centro - São Luís MA
CEP 65010-030
TEL. (98) 3261-8000.

E-mail: sacadaliteraria.edicao@gmail.com
Editor responsável: GUTEMBERG BOGÉA
Editor do Encarte: ANTONIO AÍLTON
Diagramação: Elton Alves
Leiaute: Eduardo César
Colaborador: Rogério Rocha

Colaboraram para esta edição:

Hagamenon de Jesus
Rogério Rocha